

APRESENTAÇÃO DA REVISTA

Caras/os leitoras/es,

Finalizamos a edição desta revista em um momento em que o Brasil contabiliza mais de 250 mil mortos em decorrência da pandemia do novo coronavírus e de políticas que ampliam a tragédia provocada pelo vírus. Nesta mesma semana, pelo menos oito jornais brasileiros veicularam anúncio defendendo o uso de medicamentos sem comprovação contra o coronavírus, apesar de todos os alertas e mesmo das recentes declarações de técnicos da Anvisa quanto à ineficácia deles. O falso anúncio foi pago por uma associação de médicos. Médicos que não têm sido acionados como fontes nas reportagens, em geral, dada a posição que as empresas midiáticas diante da pandemia, mas que cabem quando se trata de financiar os veículos.

O exemplo evidencia a articulação de interesses – econômicos, políticos e ideológicos – que acaba sustentando e fomentando a desinformação. É interessante ainda porque deixa nítido que a desinformação não está restrita aos espaços da internet, como as empresas tradicionais de mídia tentam fazer crer, em sua busca por recuperar audiência e credibilidade. Além disso, o exemplo deixa claro que a desinformação não é um fenômeno que se restringe apenas às classes sociais com menor nível de escolaridade, ou seja, fica patente que frações da burguesia “bem educada” também estão contaminadas pelo vírus da desinformação.

Essas mesmas empresas de mídia, aliás, têm participado historicamente em nosso país de tentativas, bem ou mal sucedidas, de interferir nos processos democráticos por meio de formas de manipulação, valendo-se, em geral, do seu po-

der de monopólio para controlar a informação que chega ao público, ou seja, através de censura corporativa, quando não recorre diretamente à divulgação de inverdades. Um entre inúmeros exemplos é o editorial da Folha de São Paulo de 27/2/2021, reconhecendo a “evidente” parcialidade do juiz Sergio Moro no julgamento do presidente Lula “no caso do famigerado apartamento do Guarujá”, quase quatro anos depois de haver publicado, no mesmo espaço (em 13/7/2017) que a defesa do réu constituía “pregação farsesca de que seria vítima de perseguição política”, argumento “disparatado” usado para “pressionar os tribunais” etc. No meio tempo, o ex-presidente foi impedido de se candidatar, elegeu-se quem se sabe e as consequências estão sendo suportadas pelo conjunto da população brasileira.

O uso da expressão “fake news” pela mídia hegemônica, visando desincumbir-se de suas próprias responsabilidades, assim como a adoção do conceito pós-modernista de “disputa de narrativas”, como fez recentemente o jornalista Merval Pereira do Globo (no texto “Verdades escondidas”, publicado em 07/02/2021), para referir-se ao fato de que não era possível já esconder a verdade referente ao mesmo processo citado no parágrafo anterior e toda a risível estratégia de mascaramento dos fatos que a empresa para a qual trabalha ainda adota, isto sim trata-se de pregação farsesca guiada, como em muitos dos casos de desinformação, por objetivos estratégicos, que não surgiram agora, mas que se renovam, em aliança com as novas tecnologias.

Ao lançarmos chamada para o dossiê que esta edição apresenta, objetivamos trazer à tona

abordagens sobre tal questão, a partir do olhar de uma “economia política da desinformação”. Recebemos muitos trabalhos que se localizam nas fronteiras da Economia Política da Comunicação, que caracteriza a Revista EPTIC, e optamos por publicar um conjunto representativo dos diálogos possíveis que podemos travar com outros subcampos da Comunicação, visando avançar no conhecimento coletivo a respeito desse problema tão fundamental nos dias de hoje.

Além disso, optamos por publicar uma tradução de “Cinco Dificuldades de Escrever a Verdade”, texto fundamental de Bertold Brecht, na luta contra o fascismo, expressão da crise do capital que se insinua novamente hoje em nível mundial. Nessas condições, recuperar o conceito de verdade é fundamental. Não se trata de uma questão técnica ou de uma mera luta contra práticas inéditas de grupos extremistas ou marginais mal intencionados, mas do uso político da mentira, da censura corporativa e das mais variadas técnicas de manipulação, utilizando inclusive a ação de grupos extremistas e marginais, a serviço de poderosos interesses organizados em nível nacional e internacional.

Seguindo Brecht, conclamamos, como também faz Martin Hirst na entrevista que concedeu para este dossiê, que sejam apresentadas respostas ao cenário atual, a partir de uma tomada de posição de jornalistas, pesquisadores e todos aqueles que têm a responsabilidade de escrever para o público. É preciso assumir corajosamente o compromisso com a verdade, tão importante em dias tão sombrios como o que vivemos.

Além dos textos do Dossiê, na seção Artigos e Ensaios diversas problemáticas fundamentais para a compreensão e transformação do tempo presente são abordadas: o neoconservadorismo e a mobilização de categorias como família por Jair Bolsonaro; a disputa pela atenção e o fim da experiência; programas policiais e a construção do desengajamento moral e políticas públicas para produção televisiva independente. Com isso, a Revista Eptic espera contribuir com a batalha das ideias e com a mobilização de nossa imaginação teórica e política, a fim de que possamos construir outros possíveis. São tempos muito difíceis – e por isso mesmo a pesquisa crítica se faz tão necessária.

César Bolaño e Helena Martins, pela equipe editorial